

Redacção e administração
R. de S. Martinho

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO,
EDITOR, Manuel Homem Christo

POVO DE AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 481

Assinaturas
AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fora de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anúncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes tem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

4.º ANNO

ENTRE REPUBLICANOS

Um nosso velho amigo, dedicadissimo republicano, pede-nos que não paremos desde já com as nossas apreciações, ainda mesmo quando sejam desfavoraveis aos republicanos.

«Ao menos haja quem proteste. Não se perca tudo. E você está no seu papel, está na sua missão, protestando. E' esse, para nós, o lado mais sympathico, mais característico da sua individualidade.»

Sim, amigo, será isso. Concordamos em que, realmente, é honrado protestar. E, por isso, protestamos. Não ha maior ignominia, maior incoherencia, maior prova da decadencia portugueza que esse espectáculo abjecto do partido republicano notar nos outros partidos aquillo que poupa, e, muitas vezes, exalta em si proprio. Protestamos, por isso, e concordamos na conveniencia do protesto. Mas não concordamos na necessidade de insistir.

Isto está muito desmoralizado para que produzam effeito as exhortações, os incitamentos e os conselhos. Muito! Muito! Burro velho não aprende lingua.

E a verdade é que republicanos e monarchicos estão endurecidos, estão calejados no vicio. E, acima de tudo, são muito ignorantes para que reconheçam, mesmo no meio das suas desmoralizações, aquillo que lhes convém a elles mesmos.

Muito! Muito!

Muito ignorantes, muito, muitissimo e isso, para nós, amigo, é o peor de tudo.

Dizem que o marquez de Pombal foi ladrão. Mas roubou para elle e para o paiz, se o foi. E' o producto da intelligencia. Contasse, e já trasladámos para aqui esse conto, do patrão que despediu o caixeiro para dar satisfação ás linguas do mundo. Os negocios prosperavam. Mas o caixeiro era ladrão, todo o mundo dizia que era ladrão, e o dono da casa quiz dar satisfações ao mundo pondo o caixeiro na rua. Mas que succedeu? Os negocios que tanto prosperavam com o caixeiro ladrão, passaram a andar para traz com o caixeiro honrado que foi tomar o lugar de caixeiro ladrão.

Isto quer dizer, que ser estúpido é mais prejudicial que ser tratante.

E é, amigo, é. Não faço com isto a apologia da tratante, porque o ser intelligente não inibe de ser honesto. Antes, praticamente e scientificamente se demonstra que a elevação moral é companheira da elevação intellectual. Não. O que eu quero dizer, o que eu digo, é que ser estúpido ainda é mais prejudicial á vida dos povos que ser tratante e in-

telligente. Deus ponha sempre ao pé de mim, para o governo dos homens, um tratante intelligente e culto e Deus me livre de uma besta honesta.

Ora o peor dos nossos dirigentes, monarchicos e republicanos, é que são ignorantes ou estúpidos, mesmo antes de serem desmoralizados.

E' a regra geral.

E burro velho não aprende lingua.

E', pois, inutil insistir, amigo.

Não insistimos, portanto. Mas esteja certo de que não deixaremos de protestar contra todos os attentados aos principios, que forem apparecendo. E elles apparecem tão amiudadamente que estamos certo de que teremos de protestar constantemente.

O doutor Affonso

EM

VIZEU

Escrevem-nos relatando minudencias do julgamento de Vizeu, onde o sr. Affonso Costa, ex-deputado republicano, chefe do partido republicano, e mais coisas elevadas da democracia indigena, foi defender os réos provados dos mais revoltantes attentados electoraes. Sim, réos provados. O sr. Affonso Costa poderá tirar muito effeito da arte do officio. Mas não conseguirá convencer ninguem em Vizeu, nem mesmo os partidarios dos réos, de que se não commetteram as maiores violencias nas actas electoraes d'aquelle concelho. E, sendo assim, todos ficarão commentando tristemente a attitude do republicano que se presta a defender homens que attentaram gravemente contra a liberdade do suffragio.

Com que auctoridade ficam os republicanos, depois d'isto, para verberar as violencias commettidas contra elles?

Os governos roubam o direito de voto aos republicanos, não ha duvida. Mas tambem não restam duvidas de que os republicanos não merecem outra coisa desde que consentem á sua frente, como seu chefe, sem o minimo protesto, o homem que cobre com a sua palavra e com a auctoridade e prestigio do republicanismo, que elle representa, os maiores attentados á liberdade do suffragio.

Esta é a grande verdade. E com ella pôdem todos, em todos os tempos, fustigar a cara dos republicanos portuguezes.

Fustigar-lhes a cara e tapar-lhes a bocca.

"Povo de Aveiro,"

Em Lisboa, na tabacaria Monaco.

O SR. MATTOSO

A garotada do sr. Jayme de Magalhães Lima e do sr. Francisco de Castro Mattoso declara no canudo que o sr. José Luciano de Castro não troca pelos caprichos do sr. Manuel de Mello as *afeições pessoais e politicas de seu irmão*, que vem a ser, como todos sabem, o mesmo sr. Francisco de Castro Mattoso.

Ora mais uma vez o sr. Mattoso demonstra que não é tão *manhoso* como pretende. A *manha*, a verdadeira *manha*, sr. Mattoso, seria v. ex.º não consentir, quanto mais ordenar, que no canudo se fizessem referencias de tal ordem.

O sr. Mattoso a falar nas suas *afeições pessoais e politicas* por seu irmão é d'aquellas coisas que fazem rir os mais sisudos.

Não sabemos, nem queremos saber, se o sr. José Luciano troca, ou não troca, as *afeições pessoais e politicas* do sr. Mattoso pelos serviços do sr. Manuel de Mello. Seria engraçadissimo que o sr. José Luciano collocasse a deploravel, a escandalosa especulação politica do sr. Mattoso, acima da lealdade partidaria dos seus velhos amigos no districto de Aveiro. Seria engraçadissimo. Mas, repetimos, isso pouco nos importa. O que nos importa, aproveitando a deixa da garotada imbecil, é registar a audacia com que o sr. Mattoso se permite falar nas suas *afeições politicas*.

Quando teve o sr. Mattoso *afeições politicas*?

O sr. Mattoso é uma das provas vivas da immoralidade da politica portugueza. E, como tal, não consentiria, se tivesse aquelle bom senso que tanto apregoa, que se fizesse em qualquer gazeta, mesmo sendo tão ordinaria como aquella que representa a sua politica em Aveiro, a menor referencia á sua lealdade partidaria.

Não consentiria essas referencias. Quanto mais ordena-las! Porque a verdade é que no sujo pasquim que defende a politica do morgado do Carmo e do morgado da Oliveirinha não se diz coisa nenhuma sem auctorisação dos patrões. E a referencia feita pelo sr. Mattoso ás suas *afeições politicas* é de caracter melindroso para que haja sido feita sem ordem de s. ex.º e a prova de que s. ex.º a ordenou é que desafia os seus adversarios a virem falar no assumpto.

Quer dizer: o sr. Mattoso, que nunca foi uma grande cabeça, nem mesmo como politico de aldeia, perdeu completamente o juizo, com os annos.

As suas *afeições politicas*!

Pois o sr. Mattoso atreve-se a falar nas suas *afeições politicas*!

Bem sabemos que tudo isto desceu tanto que todas as audacias se permitem. Mas isso, isso do sr. Mattoso falar nas suas *afeições politicas*, já não é uma audacia; é um acto de verdadeira loucura.

O sr. Mattoso aproveitando-se da circumstancia de ser irmão do sr. José Luciano de Castro, para fazer politica d'ocasião, politica pessoal, politica contraria ao proprio sr. José Luciano de Castro, é, foi, tem sido o maior escandalo do partido progressista. O maior escandalo d'esse partido e, por consequencia, uma das provas mais flagrantes da immoralidade da politica portugueza.

Ser irmão do sr. José Luciano tem-lhe servido para tudo, até para contrariar, para combater, para guerrear o mesmo sr. José Luciano de Castro. Mais do que uma vez na politica do districto de Aveiro o sr. Mattoso tem procedido contra as indicações manifestas e expressas do chefe do partido progressista.

Até para isso, até para combater o proprio irmão lhe tem servido ser irmão do irmão. E vamos falar nas suas *afeições politicas*! E lança reptos aos adversarios!

Tanto isto tem descido!

Não sabemos, repetimos, não queremos saber, se o sr. José Luciano de Castro deita á margem os seus velhos amigos do districto de Aveiro, se despreza a lealdade com que elles o tem servido e ao partido progressista, para lhes preferir as manigancias do alliado do sr. Jayme de Magalhães Lima, do partidario acerrimo dos francezes, do patrão do *Cabecinha* e do *Chica*. O que sabemos, e isso basta-nos, o que sabemos todos os politicos d'este paiz, é que o sr. Francisco de Castro Mattoso se tem aproveitado da circumstancia de ser irmão do sr. José Luciano de Castro para apañhar quanto tem querido a todos os governos. O que sabemos, e é demais, é que o sr. Francisco de Castro Mattoso se tem aproveitado da circumstancia de se dizer progressista, acobertado pela auctoridade do chefe d'esse partido, que é seu irmão, para prejudicar em toda a parte a politica progressista e os progressistas dos quaes se diz correligionario.

Isso sabemos.

Isso sabe todo o mundo.

E sabendo isso todo o mundo, já não é audacia, mas insanidade, o sr. Mattoso falar, ou mandar falar, nas suas *afeições politicas* e desafiar os seus adversarios para o terreno de quem pesa mais ou menos no animo do sr. José Luciano de Castro.

Cale-se com a immoralidade politica que ha tantos annos representa, que terem-lhe permit-

tido, e continuarem-lhe permitindo, mesmo que se conserve em silencio, não é a menor nem a ultima das provas da degradação dos costumes politicos n'esta terra.

E se não ficar satisfeito com isto, ordene á garotada que peça mais, que não teremos duvida alguma em lhe satisfazer os desejos por inteiro.

Ora verá.

Eu vejo nos povoados
Muitos dos saltadores,
Com nome e rosto d'honrados,
Vão quentes — andam forrados
De pelles de lavradores —

SÁ DE MIRANDA.

O SR. JAYME

O sr. Jayme, que não se oppõe á suppressão do districto de Aveiro, que não se importa que a barra se feche, que tanto se lhe dá como se lhe deu que haja ou não haja um regimento em Aveiro, que abandonou a presidencia da camara para ir resar as contas com a familia, esse pataratasinha, com pretensões a litterato, que chamou *ignorante e charlatão* a Victor Hugo, esse ridiculo e pretencioso discipulo de Tolstoï que em plena camara se atreveu a considerar a dictadura de João Franco, de que surgiu o *solar dos barrigas*, tão importante para o paiz como as revoluções que se fizeram com as armas na mão, esse pataratasinha, que nem mesmo n'esta phase de vergonhosa decadencia, que vamos atravessando, conseguiu deixar de ser tido na conta de uma verdadeira mediocridade, afirma, ou manda afirmar, que é *redondamente falso* que abandonasse a eleição da camara municipal por lhe ser notificado que lhe seria retirada a conezia da agencia do Banco de Portugal se persistisse em impôr uma lista accentuadamente franceza.

E diz que o governo nada tem com o pessoal do Banco de Portugal!

Hein? Como elle pretende enganar os papalvos! Que o governo nada tem com o pessoal do Banco de Portugal, como se os governos, entre nós, não tivessem meios de conseguir, directa ou indirectamente, tudo quanto queiram de estabelecimentos da ordem d'aquelle a que nos estamos referindo.

E' certo, é certissimo, que Jayme de Magalhães Lima abandonou a eleição camararia deante de ameaça de ficar sem a *larga bagalhoça* que lhe resulta do seu lugar de agente do Banco de Portugal. E admira que o cidadão só agora se melindre com essa affirmacão, quando sabe perfeitamente, ou devia saber, que era a isso que se referia o *Progresso de Aveiro* quando, em 16 de outubro, escrevia:

«Sobre eleições camararias **diremos tudo o que sabemos**, para pôr termo a certas lendas e a certas apreciações, que, por menos verdadeiras, tem sido espalhadas. Talvez os *vitalinhos* imaginem que, com estas palavras, queremos fazer referencias a pessoas, a que elles procu-

ram lambear as botas n'um intuito de exploração muito baixa. Estão enganados. Experimentem!

Experimentem, dizia o *Progresso de Aveiro*. Porque não experimentaram? Porque se recolheram a um prudente silencio? Porque foi que os garotos, tão desbocados, deixaram sem resposta essa ameaça e outras do mesmo teor? «Nós estivemos calados, dizia ainda o *Progresso de Aveiro*, para vêr até onde ia a audacia dos intrigantes. Conhecemos a tempo o que elles queriam. Agora contem connosco e esperem pelo troco.»

Porque não esperaram pelo troco? Porque o não pediram, sequer?

E' redondamente falsa a nossa afirmação. Isto na bocca dos bilhetes que, n'uma pendencia de honra, confessaram que faziam acusações e afirmações mentirosas, sem provas nem indícios alguns da sua verdade, é verdadeiramente desprezível. Mas se não foi esse o motivo porque o sr. Jayme de Magalhães Lima desistiu da eleição camararia, qual foi?

Quil foi? Pretender o sr. Jayme de Magalhães Lima que desistiu da eleição por ter sido chamado a Lisboa o sr. Francisco Regalla para declarar ao sr. Hintze Ribeiro que era regenerador e não francaceo, e passar a si proprio um diploma de archi-tolo. Então, desistiu-se d'uma eleição porque um dos individuos da lista, que não tinha valor eleitoral, que não dispunha d'um voto, declara que não é francaceo, mas hintzaceo?

Pois o sr. Jayme, ou os repugnantes garotos que o cercam, não veem que era preciso que o morgado do Carmo fosse muito mais bacoco do que é para abandonar uma eleição por tal motivo? O pataratasinha não é completamente idiota. Supponho nós! Temo-lo na conta d'uma verdadeira mediocridade. Mas nunca o suppozemos perfeitamente idiota.

Falam os garotos no *Povo de Aveiro*. E' certo que a campanha d'este jornal contra o *Carranca*, o celebre e celebrado *Carranca*, deixou mal dispostas as hostes francaceas, como provaremos com as proprias cartas do *Chica*, outro celebre e celebrado figurão. E' certo que no primeiro momento julgámos que fóra esse o verdadeiro motivo da reviravolta repentina de Jayme, que aproveitaria o pretexto de Francisco Regalla ter ido a Lisboa para fugir á impopularidade que estava adquirindo nos elementos liberaes da cidade. E' certo isso. Mas é certo tambem que não se passou muito tempo sem adquirirmos a prova de que não tinha sido esse o motivo capital da desistencia do sr. Jayme de Magalhães Lima. E sabem quem foi o primeiro que nos desenganou? Foi o *Chica*. Foi o

celebre e celebrado *Chica*. Já celebre e já celebrado, mas que mais celebre, ainda, e mais celebrado será com o tempo.

Foi o *Chica*. Ora se não foi verdade, como supponhamos, que o sr. Jayme de Magalhães Lima recou perante o receio de ficar indisposto com os elementos liberaes da cidade, excitados pela campanha movida pelo *Povo de Aveiro*, e se desde logo puzemos de parte o pretexto ridiculo da ida a Lisboa por parte de Francisco Regalla, se não foi esse o motivo da retirada precipitada do morgado do Carmo, e se não foi tambem a impositiva relativa á agencia do Banco de Portugal em Aveiro, o que foi que pesou no animo do sr. Jayme de Magalhães Lima?

O que foi? Os ignobes trapalhões do costume! O sr. Jayme queria a capiucha de santo? Pois nós lh'a iremos esfarrapando a pouco e pouco. Conte com isso.

A NOSSA CARTEIRA

Com sua esposa, completamente restabelecida, regressou á sua casa da capital o nosso amigo e patricio, sr. Antonio M. Ferreira.

De Lisboa regressou a esta cidade o sr. Mario Duarte.

Tem estado bastante doente o sr. dr. Francisco Antonio Marques de Moura, illustrado medico aposentado. Desejamos as melhoras de sua ex.ª

Podem-nos a publicação das seguintes linhas, e ao que gostosamente accedemos:

AO CORRESPONDENTE DO «PRIMEIRO DE JANEIRO»

Nós já tivemos occasião de responder ao *menino mal intencionado*, pelo facto de nos ter vindo fazer insinuações e reparos ao que publicámos em algumas correspondencias particulares no *Janeiro*.

No entanto, essa nossa resposta não foi publicada, naturalmente porque a carta se extraviou ou por qualquer outro motivo para nós desconhecido. E não faziamos tenção de voltar ao assumpto se s. s.ª nos não viesse pedir *mesericordicamente*, que voltassemos a elle.

Pois vamos fazel-o, embora seja pela ultima vez.

Quando nós pedimos para o largo Municipal, um *ladrilhamento* (ou calcetamento) a *pedra britada á semelhança da Praça de D. Pedro, no Porto*, e não um *ladrilha-*

mento a mosaico, sublinhamos estas ultimas palavras para mostrar a intenção com que o faziamos.

Na opinião de qualquer artifice ou mestre de obras, o ladrilhamento a mosaico, é ladrilho feito a tijolo quadrado, que se emprega nas entradas de algumas casas particulares e como a que s. s.ª vê nas soleiras das portas do seu visinho sr. Carlos Mallo para reclama, crêmos. Ora para que se não dêsse a confusão entre os dois termos (tijolo e pedra) foi a razão por que proposadamente dissémos que o não queriamos *ladrilhado a mosaico*, mas fômos acrescentando:—*mas sim á semelhança da Praça de D. Pedro, no Porto*— E o ladrilhamento da Praça de D. Pedro, no Porto, é feito a pedra britada, com desenhos a côres e portanto a *mosaico*, como s. s.ª deseja.

No sublinhado d'aquellas palavras, repetimos, é que estava a intenção com que empregavamos a palavra *mosaico*, pois que, para nós, é ponto de fé, que no pedido de ladrilhamento a mosaico ou ajardinamento do largo Municipal, presidia malévola intenção d'alguem.

Pois s. s.ª confirma agora o que dissémos, isto é, que o sr. presidente da camara vae mandar calcetar o largo Municipal a pedra britada (ou a basalto) e portanto á *semelhança da Praça de D. Pedro, no Porto*.

E o calcetamento da Praça de D. Pedro, no Porto, é muito parecido com o do pavimento dos Arcos e dos passeios da rua de José Estevão, pavimentos estes que s. s.ª achou detestaveis e uma verdadeira porcaria, que nada tinha que o recomendasse nem a camara estava resolvida a fazer aquillo... e que a diferença que existia entre ladrilhamento a ladrilhamento a mosaico era a mesma que existia entre o trabalho que se vê n'estes ultimos e o passeio do palacete dos herdeiros do fallecido visconde de Valdemouro.

Qual era, pois, a sua intenção quando nos dizia isto?

Pois vê-se agora que o sr. presidente da camara vae utilizar-se d'aquella porcaria, e que vae proceder ao calcetamento do largo a pedra (ou basalto) britada, a desenho e a côres, e, finalmente, ao tal mosaico que s. s.ª quer. Para isso já ahí estão algumas amostras de basalto (pedra preta) na secretaria da camara.

A pedra branca a empregar será o quartzo ou silêx, d'essa que se vê ahí em qualquer parte, e se a preta não é d'aquí é porque a cá não ha na sua totalidade, por que de resto, a pouca que aquí houver, tambem será empregada.

Para isso ha ordem de se aproveitar a que houver, e alguma já por ahí se vê amontoada para tal fim, sendo depois o seu polimen-

to feito a rasto de *bota* e de *sapato*. Não vimos por isso rebater as suas doutrinas nem tão pouco a dos eruditos homens de sciencia que citou, mas simplesmente mostrar-lhe que estamos de accordo com s. s.ª justamente por s. s.ª estar d'accordo connosco.

Bem se vê que folheou bastante livreria e que se interessou bastante pelo assumpto *musaita*, pelas numerosas citações que nos faz. Por isso o felicitamos. E foi naturalmente o que o fez pôr d'accordo connosco.

Aquella passagem que nos citou em francez de Maurice Lachatre, dá a bitóla do caso:—«O exemplo mais vulgar d'este genero de trabalho é um *calcetamento* feito com varias qualidades de pedras ou marmores, dispostos, segundo um *desenho dado*—D'accordo e d'accordo.

Por isso nada lhe deve a camara pela sua defeza, nem tão pouco o tal proprietario que se propõe construir a linha de ferro que communicará a estação com o canal de S. Roque. Nós, apesar de publicarmos a noticia a titulo de boato, ficamos na *nossa*.

A fazer-se a linha, ella terá fatalmente de se prolongar pela margem do canal pois que não serão um ou dois os wagons ali carregados, mas sim duzias d'elles, diariamente.

Isto succede nas epochas de maior exportação e com certeza, n'essas occasiões, não carregarão á vez, como na fonte. Mas serão wagons e não americanos. Foi isto o que nos affirmaram e o que achamos mais racional. E a dar-se esse facto, no que temos fundadas duvidas, se verá depois quem tem razão; nós ou o *menino mal intencionado*, de quem afinal somos amigo e a quem não desejamos mal nenhum.

Com o ventre rasgado

No lugar do Casal da Villa (Gafanha), andado dois rapazitos á lenha, um d'elles rasgou profundamente o ventre do companheiro com uma foicada, jogada descuidadamente a uma frança de pinheiro.

Prestaram-lhe immediatos socorros os srs. dr. Manuel Pereira da Cruz, distincto clinico e Manuel Gonçalves Netto, tambem distincto algebrista, ambos d'esta cidade.

Consta-nos que o seu estado é bastante grave.

A disposição para crer no maravilho procede de duas causas; d'um sentimento religioso muito desenvolvido, ou da falta de equilibrio entre a imaginação e a razão. Os phantasmas só nas trevas apparecem; um paiz ignorante é sempre miraculoso.

LAMARTINE.

E assim vão decorridos treze mezes, Francisco Luiz! Compreendes tu que infernos eu tenho apagado com as minhas lagrimas para poder viver ainda!... Lagrimas escondidas d'aquella martyr, para que ella, conhecedora do meu desalento, não desanime!...

—E choras assim, Antonio! Coragem!—exclamou Abreu, tomando contra o seio o anciadissimo moço.

—Ai! deixa-me chorar, que não o pude ainda fazer tanto ás largas. Deixa-me chorar, que isto é veneno mortal que me sae aos olhos! E' preciso que vejamos alma compadecida para sabermos a doçura d'este desafogo das lagrimas!

Passados momentos, Antonio apertou, de golpe e convulsamente, as mãos do condiscipulo, levou-as aos labios e exclamou soluçante:—Sabes ao que vim?

—Diz meu querido amigo.

—Venho pedir-te dinheiro para fugir de Portugal.

—Tel-o-has. Minha mãe já não vive, e eu tenho uma legitima. Conta com ella.

—Bem hajas! bem hajas, meu

Inauguração

Teve a sua inauguração, como opportunamente aqui annunciámos, no domingo passado, a nova padaria, aos Arcos, propriedade do industrial sr. Antonio Maria Ferreira. O estabelecimento, que é de primeira ordem e está excellentemente montado, foi visitado por toda a população da cidade que teve occasião de admirar o bom gosto e arrojo do seu proprietario.

Foi distribuido o bôdo aos pobres, offerecido por aquelle cavalheiro e que constou de pão, assucar e café.

Ao acto assistiu muita gente. O estabelecimento tem tido muita concorrência e o seu proprietario tem feito bom negocio, o que estimamos.

Novo julgamento

Baixou ordem para ser novamente julgado n'esta comarca, o réu Joaquim d'Oliveira, guarda civil n.º 20 da nossa policia, e accusado de ter desfechado a arma, em defeza propria contra Antonio d'Oliveira Salvador, natural d'Espinho.

O fallecido era muito conhecido aqui como desordeiro, provocador, e como auctor de varias proezas de valentão destemido.

Immundicie

Continúa a ser o despejo da visinhança, as traseiras da casa do sr. prior Ferreira, do lado do largo de S. Braz. Aquelle sitio, um dos mais centraes da cidade, é um verdadeiro vasadouro publico.

Elle é sal, são cacos, panellas, liquidos e finalmente tudo o que estorve ou cheire mal dentro de casa.

A policia, se se quizesse dar ao trabalho de vigiar aquelle local, ahí por volta das 6 ou 7 horas da tarde, veria a romaria que fazem para aquelle sitio com a cacalhada e immundicie.

Esperamos que se dêem alguma vez a esse trabalho, para testemunharem a nossa rasão e para livrarem a rua publica de despejos.

Musica no Jardim

O programma que a banda do 24 deve executar hoje, da 1 ás 3 da tarde, no Jardim Publico, é o que segue:

1.ª PARTE

*** (ordinario).
Devaneios Campestres (ouverture).
La Alegria de la Huerta (jota).
Côrte de Granada (phastasia Mourisca).

2.ª PARTE

Fedora (selection).
Marcha Turca (Mozart).
Viva Leiria (ordinario).

Francisco! Mas venho pedir-te mais alguma coisa.

—Diz.

—Eu tenho um filho de quinze dias. Não posso fugir com a creancinha. Aceitas-m'a no rogaço da tua caridade? Ficas com o meu filhinho, para m'o restituir, quando a felicidade me bafejar?

—Ficarei com o teu filhinho, Antonio. Dar-lhe hei o coração que te dou a ti. Se Deus o não tiver levado, quando voltares, achal-o-has. Não lhe direi o teu nome de pae, sem que tu lh'o possas dar. Ninguém saberá que é teu filho, sem que tu possas dizel-o ao mundo.

—E' assim que t'o roga a minha alma atribulada... a ti e a Deus, que me está fallando no teu coração. Porque não hei de ajoelhar a teus pés, se creio que em ti está o Senhor da compaixão e da misericordia?!

Francisco Luiz de Abreu levantou nos braços o arquejante moço; e, não menos commovido, ratificou as promessas feitas.

(Continúa)

(8)

FOLHETIM

GAMILLO CASTELLO BRANCO

O OLHO DE VIDRO

(Romance historico)

INTRODUÇÃO

Deferi a minha sahida para o dia seguinte, sem saber que rumo tomasse. Meu pae mandava-me fugir por Hespanha e embarcar para Hollanda. Maria, esperancada na commiserção do pae e na protecção dos seus santos advogados, queria que eu e ella fossemos ajoelhar aos pés d'elle. Por mais que m'o dissésse em tom de anjo quando revela os decretos do céo, não pude sequer imaginar possivel o perdão do soberbo fidalgo.

Sahimos para Celorico, a quatro leguas de distancia. Numa aldeia dos arrabaldes, moravam irmãos do meu caseiro grangeando um casal. Alli deliberei repousar alguns dias, porque Maria já tão

sem forças ia da jornada por seras n'um dia de rigoroso inverno, que mal podia ter-se nas andilhas. Desde aqui avisei meu pae, pedindo-lhe novas do que soubesse. Respondeu-me que, horas antes, tinha sido cercada nossa casa, e que elle com todos os nossos, estavam arriscados a ser presos.

E foram, no dia seguinte, presos e fechados em masmorras.

As immediatas noticias que tive foram cruellissimas. Todos os nossos bens tinham sido inventariados como para entrarem no sequestro feito a bens de judeus. Eu não devia já esperar recursos alguns de minha casa, e o dinheiro que eu possuia pouquissimo era para me transportar para fóra do reino. Sobrepuê tu, Francisco, a estes lances, o medo da prisão, e escutar a cada instante nos menores rumores o estrepido dos quadrilheiros! E, se estes são poucos supplicios para conceberes muito em sombra a minha vida, ajunta a isto uma cama de enxerga n'um quarto de vigamento por onde a ventania esfuziava, e sobre essa enxerga a pobre menina a tremer os frios das se-

zões, e eu de mãos postas a contemplal-a assim!

Para que ninguém da aldeia nos visse, os dias para nós eram a continuação das noites. Aquelles pobrihos fazendeiros, de portas a dentro, melhoraram quanto puderam a nossa situação. Eu, por minhas mãos, carpintizei o tabique para aconchegar o nosso quarto; e, com todas as cautellas, conseguí que viessem de longe bragaes e roupas com que tirei á alcova de Maria as tristezas da indigencia. Melhorou a minha pobre amiga e desenvolveu espantosa energia na lucta. O sorriso d'ella dava-me alento; mas não podia espancar a minha alma a imagem de meu pae, mãe e irmãos encarcerados, perseguidos pelo rancor vingativo de Fernão Cabral, e mais que muitos sujeitos á extremidade de pagarem com a vida o meu delicto.

Com que traças e trabalhos eu conseguia incertas noticias d'elles! Para mim era já consolativa a nova de que os não tinham mandado para os carceres da inquisição de Coimbra. Logo que elles aqui entrassem, perdidos os considerava eu.

CHRONICA

AO CORRER DA PENNA

Nas tardes limpadas d'inverno e nomeadamente nas de domingo, e quando na cidade não ha passatempo algum, lembra bastante a aldeia, com os seus poeticos e verdejantes campos e para lá se encaminha clero, nobreza e povo, n'uma promiscuidade invejavel e propria de um povo que vive nas boas graças um do outro.

Por isso, e depois que a banda do 24 se deixa de ouvir no nosso pequeno mas elegante jardim, ponto infallivel de reunião dominical, ali seguem pelas estradas fóra, em grupos mais ou menos numerosos, a terça parte dos habitantes da cidade.

No domingo tambem nos coube a vez a nós.

Um amigo e companheiro d'infancia, ardia em desejos de dar o seu passeio até fóra de portas.

Eu, francamente, apesar d'isso me ser bastante agradável, estava no entanto pouco resolvido a castigar as canellas, n'um passeio longo e de pouca distracção.

Foi por isso que ao seu pedido objectámos um pouco agastados:

— Para onde queres tu que nós vamos? Que distracção acharás tu n'um passeio largo e com o algido tempo que faz, não havendo cousa que recomende a caminhada, á excepção de irmos aquecer os pés?

— Estás enganado, me respondeu elle; temos hoje a festa do Santo Amaro, em Villar, com musicata, foguetório, etc., etc.; e tu bem sabes que o passeio até lá é um salto de pulga e nada enfadonho!

Na verdade, no domingo pretérito, tínhamos visto pela cidade, enfarpeados em opas vermelhas, empunhando o *Sant' Amaro* na mão esquerda e na direita uma bandeja, dois homens pedindo esmola para o santo patrono dos *villarenses*.

E já que fallamos n'isto, permitam que lhes mencione algumas *offerendas* com que os bons devotos foram mimoseados por um grupo de rapazes que se achavam na loja d'um *rapaquistos*, esperando vex.

— Esmola pr'o *Sant' Amaro*, gritou o da opa vermelha enfiando pela porta dentro e disparando para o primeiro que encontrou á mão.

— Não pôde ser.

— Vá com Deus.

— Traga-me o santo para casa q'eu sustento o.

— Então vocês são tão *ricoicos* e não podem fazer a festa só?

— Vá para o diabo mais as festas da sua terra.

E assim um rosario de vocabulos que o homemsinho ouviu com uma resignação verdadeiramente evangelica, e propria de quem deseja alcançar as *indulgencias plenarias* concedidas em taes casos.

Mas vamos ao que importa. A lembrança d'esses homens é que me fez dar a certeza da *festinha* de Villar, e por isso já com vontade aquiescemos ao pedido do nosso amigo, antevendo alguma cousa de geito onde poderemos *regalar* a vista e os ouvidos. Uma *festinha* boa foi sempre o nosso fraco.

O pequeno lugar de Villar, é o mais proximo da cidade, e o mais conhecido pelas abundantes *massas* dos seus habitantes, e que elles accumulam ao canto da arca e no velho pé de meia, com a mais accentuada usura.

Mas o caminho que para lá nos conduz é que é detestavel. Lamas, charcos e barrancos, é o que se encontra por toda a estrada, e nós tivemos de fazer verdadeiras evoluções *cabralinas*, saltitando, pulando e parando para não soffrermos o desgosto de deixar ficar as botas enterradas no immenso lamaçal.

Mas acabou-se. Quem se obriga a amar obriga-se a padecer, diz o proloquio popular, e nós é que por fórma alguma recuavamos na realisação do que premeditamos.

Para Villar é que era o caminho.

E, realmente, depois de passarmos a tormenta da Saboaria, que se nos representou o mesmo que dobrar o Cabo da Boa Esperança, demos com os ossos na estrada do pequeno logarinho.

Desenrolam-se na nossa frente as

pequenas habitações do lugar, desmiliadas e mal construidas, mas n'esse dia com a cara lavada a cal e as frentes varridas a ramo de pinheiro verde. Descemos uma pequena costeira marginada tambem com velhas casitas, e entramos finalmente em uma rua mais ampla e mais cuidada, que ia dar á pequena capella.

Chegámos enfim ao almejado local.

Mas que é isto? No arraial não ha viv'alma a não ser o *Carinhas*, para quem logo indireitamos.

— Então que desanimação é esta?

— E' o que vê, é o que vê, nos respondeu elle tambem um tanto desanimado.

— Mas os homens tinham promettido festa rija, com musica, e tal, etc., e afinal que vêmós nós?

— E o senhor ainda se fiou n'essa; olha quem?!

— A gente do lugar trata hoje só do *jantarinho* e só logo, ao pé d'ha noite, é que sahem até ao arraial. Elles lá se entendem.

Este lá se entendem levava agua no bico e nós percebemos bem a intenção como elle foi pronunciado.

— E' por causa dos maus encontros, rematámos nós encaminhandonos para a porta da capellinha.

— Ora nem mais nem menos, respondeu o *Carinhas*, piscando os olhos.

A este tempo já nós *admiravamos* a armação da capella. Muita franja, muita cortina pelas paredes, lantejoulas a reluzir no altar-mór, etc., etc. O que destoava um pouco, eram as pias d'agua benta, que se achavam á entrada da porta. Aquillo, com uma boa barrella não ficava peor, não. E a agua depois dava bem para estrumar umas couves.

De resto, não sendo cousa para espantos, tambem não se deve dizer que estava mau.

Sentado em frente d'uma meza, coberta com uma toalha branca e encimada com uma bandeja de prata, com uma porção de moedas de cobre ao centro, estava um devotado mordomo esperando o obulo do visitante. Dispersas aqui, ali e acolá, estavam duas ou tres beatas de côcoras. Ao lado, n'uma outra mezita, uma rima de pernas e braços de cêra fazia *pendant* com o *milagroso Sant' Amaro*.

E enquanto nós, com um rapido golpe de vista viamos tudo isto, entra-nos pela porta dentro, sobraçando um molho de foguetes o festeiro-mór, o tal da esmola da cidade. Uma beata chega-se logo a elle para lhe dar os parabens pela linda armação da capella, e nós tambem para elle nos fimos chegando para o vêr dobrar a lingua.

— Sim senhor, dizia a beata; ora está q'ue mesmo uma *purificação*. Nunca cá arranjaram uma coisa tão boa. Isso é que não.

— Sim, sim, muito linda e armada com gosto, dissémos nós em additamento á beata. Isto havia necessariamente de ir a muito dinheiro!

— Ainda foi, ainda foi; cinco mil réisitos...

Nós cahimos das nuvens com a resposta do festeiro, e ainda mais quando a beata acrescentou: é carito, é carito, mas não tem *duda* que a capellinha parece um céu aberto.

— Sim senhor, dissémos nós; com que então cinco mil réis, hein? Cinco mil réisitos por armar a capella?

— O Duarte queria seis, mas nós tanto teimamos que elle sempre fez a coisa pelos cinco, e ainda trouxe aquelles lustres que o senhor acolá vê!

— Sim senhor; bem se vê que o tal armador só trabalha por amor á arte. Pois isto ainda lhe levou um diasito a arranjar...

— Dois e meio, dois e meio... e ainda foi com a ajuda do saehristão de S. Domingos.

— Bravo, muito bem, já não recomendo outro quando me constar que alguém precisa de *capellinha* armada!

O festeiro tinha pressa em chamar os homens do *Zé Preira* e por isso propunha-se a despedir de nós. Mas antes de o fazer, abaixou-se um pouco, e fallando-nos confidencialmente ao ouvido, disse-nos com a voz em *tremelicoques*:

— Quer vir beber uma pinga e comer alguma coisa em minha casa?

— Nada, muito obrigado.

E o festeiro saltando um ah! de satisfação e allivio, sahio como um

raio pela porta fóra com receio que nós nos arrependessemos da resposta.

E nós tambem sahimos.

Cá fóra, já se achavam alguns forasteiros da cidade, que tinham vindo presenciar a *grande funçanata*.

O Manuel Fortunato, com grave risco de lhe não respeitarem as espadaçadas costellas, clamava contra os *villarenses* e contra os festeiros:

— Uns *ricoicos*, que não sabem o que teem de seu, e não são capazes de fazer uma festa em termos. Trazem p'rá aqui o *Zé Preira*, botam uma duzia de foguetes, armam a capellinha e prompto. E ali está uma festa d'*arremba* que até é preciso pedir esmola pela cidade. Uns miseros, uns miseros, estes *ricoicos*.

Dois *quinta gatenses*, approvaram o Fortunato e em menosprezo dos *villarenses* gabavam o *luzimento* das festas do seu lugar.

— Até pr'o S. Braz já contratámos a musica *noba*, temos muito fogo encomendado, e...

E nós não ouvimos o resto do programma festivo dos *quinta gatenses* porque fugimos aborrecidos e desapontados com tudo aquillo.

E voltando para casa, o meu companheiro dava ao diabo os festeiros por não fazerem festa rija, e eu por não arranjar assumpto de sensação para a minha chronica.

E o *Zé Preira* lá ficou executando no arraial as variações da *Maria Cachucha* e do *Compadre Chegadinho faz-faz* com que deliciou a meia duzia d'ouvintes que lá tinha ficado, emquanto nós nos viamos *raspando* para a cidade.

* * *

Eis-nos a caminho de Aveiro.

Outra esperança mais fagueira nos acalentava e sorria então. Havia á noite espectáculo, e com certeza nós iamós ficar bem compensados, ouvindo os bellos sólos da Aurora dos ditos, nas variadas e promettedoras *zarzuelas* annunciadas para aquella noite. E não nos enganámos.

Depois de *flanarmos* um pouco pelos Arcos, n'esse dia e noite bastante animados pela abertura da *Nova Padaria Ferreira*, fimos até ao theatro depois de aconchegarmos o *respectivo* estomago com algum alimento, insistentemente e com justa razão reclamado por este.

Apenas meia casa occupada, esta na platêa e no *gallinheiro*, um ou dois camarotes e algumas frisas.

Sóbe o panno á hora marcada e ali se patenteia, a breve trecho, a *revoltosa* Aurora, capaz de *revoltar* tambem o mundo.

E a Aurora, com franqueza, não só conseguiu *revoltar* os personagens do drama, como tambem nos *revoltou* a nós e crémos que tambem todos os assistentes. A Aurora é de si, já, uma verdadeira *revoltosa*. E o sr. Barrilero que o diga.

E depois vem-nos ainda *revoltar* mais, e muito mais no *Cabo Primeiro*, a ponto da platêa a cobrir de applausos e o João Vareiro, n'um frémito de entusiasmo, lhe arremessar a cortólla para o palco.

Além de *revoltosa* é tambem provocadora, pelo que se vê.

E para cumulo de maior *revolução* vem por fim, na companhia da mania, (que tiramos pela casta) e pela travessa Osuna, mostrar-nos o formoso busto em todos os seus contornos e *saliencias*, na *Enseñanza Libre*.

Nada, menina Solis, que isso assim é *revoltar* de mais os pobres e miseraveis peccadores!

E... desceu o panno.

* * *

A' sahida demos de cara com o *incansavel* cabo 3, o nosso *amavel* chefe interino, todo solícito para com o sr. commissario e penalizado a valer por não ter á mão um molho de guarda-chuvas para o abrigar dos pingos de chuva que então cahiam lá fóra.

— Agasalha-te, olha que te podes constipar; gritou-me o companheiro d'essa tarde.

E a verdade é que, ou devido á chuva, ou ao frio que fazia, apanhei tão tremendo catharral, que tenho visto as estrellas no meio dia... não contando as que vejo á meia noite quando os espiritos me não deixam dormir.

CESAR AUGUSTO.

Postos particulares

de cobrição

Os individuos que desejarem abrir postos particulares de cobrição com cavallos, jumentos ou touros deverão enviar os seus requerimentos á Direcção Geral de Agricultura, por intermedio do intendente de pecuaria do districto, até ao fim de fevereiro proximo, sob pena de incorrerem na falta de obediencia ao decreto de organização dos Serviços Agrícolas, de 24 de dezembro de 1901, que estabelece que esses postos não possam funcionar sem que os respectivos reproductores sejam approvados pelo dito intendente de pecuaria.

Alogado

No domingo passado, á ponte d'Ilhavo, e quando um pobre rapaz da Gafanha, por apellido Lopes, barqueava um barco mulceiro, quebron-se-lhe a vara pelo meio e este cahiu com o peito sobre a parte que tinha ficado espetada na lama do rio. O infeliz, apesar dos esforços do companheiro para o salvar, pereceu a breve trecho e após pequena lueta com a agua.

Theatro em Elxo

N'aquelle importante logar e antiga villa, tem estacionada uma companhia dramatica, que, ao dizer d'elles, não dão o tempo mal empregado com a sua ida para alli.

No domingo subiu á scena *Os milagres de Santo Antonio* com uma grande enchente.

O *thaumaturgo* é tão milagroso, que até faz o milagre de encher as casas d'espectaculo, quando sóbem á scena os seus *milagres*.

Consta-nos que por occasião da feira de Março os teramos tambem ali no Rocio. Não faltarão pois este anno n'aquelle local, divertimentos em barda, e em que empreguemos as nossas poucas massas.

COISAS DE LONGE

Singular exemplo de prodigalidade.—E' sabido que nas provincia de Cheu-si, e de Chau-si vive grande numero de homens os mais opulentos da China. Diz-se que elles possuem pilhas de prata como montanhas. Os principaes capitalistas de Cantão vêm d'estas provincias.

Nos ultimos annos do reinado de Kia king, uma rica viuva, chamada Fchei, vivia no districto do Taizua-fú, e tinha um filho que se entregou a toda a casta de extravagancia. Eis um exemplo das desarrasoadas despesas: gostava muito de jogar o xadrez; mas fazer bulir as peças em um taboleiro de pau pareceu-lhe que era um divertimento muito sem sabor, apesar de ter grande inclinação por tal jogo. Tehú concebeu, portanto, uma ideia inteiramente nova; mandou pintar o sobrado d'um quarto espaçoso em forma de taboleiro, e de roda fez collocar mezas para elle e para os seus amigos. Para figuras comprou muitas mulheres formosas, e vestiu-as de diversas maneiras: ensinou-as a fazerem por signaes as vezes de peões, torres, reis, rainhas, etc.

Este sublime jogador de xadrez ponpava-se ao trabalho de gardar as peças de jogo; porque a um aceno todas saham pela porta fóra.

O imperador, avisado do caso, offendido provavelmente de que um subdito tivesse mais luxo que elle, deu mostras de estar espantosamente encolerizado com a lembrança das compradas escravas para fazerem as vezes de peças d'um jogo de xadrez.

Condamnou, portanto, Tehú em 3:000:000 tacsis, ou sejam 10 milhões de crusados e a ser des-

terrado por toda a vida para o paiz dos manchús; mandando-lhe dizer que devia agradecer o não lhe tirarem a cabeça de cima dos hombros.

Cambios

O cambio do Brazil sobre Londres está a 11 25,32.

Libra no Brazil: 20\$371 réis; em Portugal, 5\$650 réis.

Mercado de Aveiro

Os preços dos generos porque correm no mercado d'esta cidade, são os seguintes:

Feijão branco.....	960
» encarnado.....	1\$000
» manteiga.....	880
» amarello.....	880
» mistura.....	800
» caraça.....	1\$000
» frade.....	840
Milho branco.....	570
» amarello.....	540
Trigo gallego.....	1\$060
» tremez.....	960
Batatas, 15 kilos.....	260
Ovos, duzia.....	160

HORARIO DOS COMBOIOS

De Aveiro para o Norte

5,21 m., correio, 1.ª e 2.ª classe.
9,00 m., mixto, todas as classes.
4,47 t., tramway, vindo d'Alfarellos.
8,11 t., omnibus todas as classes.
9,49 t., expresso, 1.ª e 2.ª classe.

TRAMWAYS

3,55 da manhã.
10,15 da manhã.

De Aveiro para o Sul

6,48 m., omnibus, todas as classes.
2,12 t., tramway, até Alfarellos.
5,34 t., expresso, 1.ª e 2.ª classe.
10,30 t., correio, 1.ª e 2.ª classe.

TRAMWAYS

Chegada a Aveiro, terminus.
9,49 m.
9,9 t.

Os tramways partem do Porto ás 7,12 da manhã e 6,29 da tarde.

CONHECIMENTOS UTEIS

Remedio contra a dôr de dentes

A dôr por mais violenta que seja, cessa instantaneamente, introduzindo no ouvido, do lado da dôr, um bocado de algodão embebido n'uma ou duas gottas de chloroformio.

Notas alegres

—Tem jejuado, meu filho? Perguntava um padre a um soldado que se confessava.

—Ai se tenho! Respondeu o soldado.

—Em que condições?

—Quer dizer que tenho estado oito dias sem comer um bocado de pão.

—Voluntariamente?

—Isso não, meu padre.

—Então se tivesse pão ou outra qualquer coisa comia?

—Podera.

—Mas, diz o confessor, a Deus não agradam os jejuos forçados.

—Nem a mim, respondeu o militar.

E' chamado um medico para tratar d'uma creança. O Esculapio observa-a, toma-lhe o pulso, passa-lhe uma receita.

No dia seguinte volta, encontra a familia lavada em lagrimas.

—Ai! dizia a mãe entre soluços, nunca julguei que o meu pobre filho viesse a morrer de sarampão!

—Oh! desgraçada, torna o medico pondo as mãos na cabeça, então o pequeno tinha sarampão, e vocemecê não m'o dizia?

Como este ha muitos, a differença é que não são tão francos.

VENDA DE CASA

Vende-se um prédio de casas altas na rua de Jesus e em frente á igreja do Convento. Tem um pequeno pateo e sahida para a rua do Rato. Trata-se na rua Direita, n.º 43 a 45.

Cura do rheumatismo

O linimento anti-rheumatico de Miranda, é o melhor remedio até hoje conhecido para a cura d'esta doença. Numerosos attestados de doentes provando os seus bons resultados. Faz desaparecer em curto espaço de tempo as dôres ao padecente.

Envia-se pelo correio para todas as terras. Preço do frasco 500 réis. Pelo correio 550 réis.

Deposito pharmacia Miranda **BIO TINTO**

LANDEAU

VENDE-SE um quasi novo. Nesta typographia se diz.

SAPATARIA REIS

R. DOMINGOS CARRANCHO (A'S CINCO RUAS) **AVEIRO**

O proprietario d'esta acreditada sapataria, José Almeida dos Reis, participa aos seus estimaveis freguezes que mudou o seu estabelecimento da Costeira para a sua casa da rua Domingos Carrancho, onde lhe deu uma instalação mais apropriada.

O proprietario agradece desde já a visita com que o publico se dignar honrar o seu novo estabelecimento.

Como sempre, o seu empenho é bem servir todos os que procuram a sua casa e, para isso, no mesmo tempo que se encarrega de todas as encomendas por medida, tem á venda um grande sortimento de calçado fino para homem, senhora e creanças.

Todos os que conhecem as obras que sahem da sua casa, sabem que ellas se recommendam pela perfeição de corte, excellente acabamento e incomparavel modicidade de preços.

CONSULTORIO DENTARIO

THEOPHILO REIS

Cirurgião-dentista pela Universidade de Coimbra. Extrah, obtura, colloca dentes e encarrega-se do concerto de dentaduras. R. DIREITA, 58, 1.º **Aveiro**

ROMANCIAS ROMANTICAS

Collecção de romances notaveis, esplendidamente traduzidos para portuguez, em lindissimas edições, ao alcance de todas as bolsas. **QUO VADIS?** (2.ª edição) de H. Sienkiewicz. — 3 volumes. **VIDA DE LAZARILLO DE TORMES**, de Mendoza. — 1. vol. **EULALIA PONTOIS**, de F. Soulié. — 1. vol. **A AMOREIRA FATAL**, de E. Berthet. — 1. vol. **SENHOR EU**, de Farina. — 1. vol. **Cada volume, 100 rs.** Pedidos á Companhia Nacional Editora, largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e a todas as livrarias e tabacarias.

Vinho puro de Bucellas

Este vinho, muito apreciado pelas suas propriedades hygienicas, só se vende no estabelecimento de José Gonçalves Gainellas.

Praça do Peixe—AVEIRO

N. B.—Só se garante o proprio vinho o vendido no mesmo estabelecimento.

ALVARO DE MORAES FERREIRA MEDICO

Consultas das 10 ás 12 horas da manhã e das 2 ás 4 horas da tarde. Chamadas a qualquer hora do dia ou da noite.

Largo do Rocio, 43 a 44

Cathecismo Moderno

(ILLUSTRADO)

Obra de propaganda nacionalista. Dedicada ás pessoas de bom senso. **Preço 50 réis** A venda na Livraria Elysto —Rua Formosa, 282 PORTO

O DILUVIO

Grandioso romance historico de Henryk Sienkiewicz, autor do **QUO VADIS**, traduzido directamente do polaco por Selda Potocka e Eduardo de Noronha. Desenvolva-se n'esta obra, ao lado de paginas vibrantes e commovedoras, as homéricas luctas da Polonia contra a invasão dos outros povos do norte. Muitos criticos consideram **O DILUVIO** superior ao **QUO VADIS**.

A' venda o 1.º volume em formato grande e com uma bellissima capa a cores

Preço, 300 réis

Pedidos á Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa.

COMPANHIA NACIONAL EDITORA

Sucessora da antiga casa David Corraes

Viagens Maravilhosas

Coroadas pela academia franceza

A CARTEIRA DO REPORTER

POR

JULIO VERNE

COSINHA PORTUGUEZA

ARTE CULINARIA NACIONAL

COLLABORAÇÃO DE SENHORAS

(Producto reservado a um fim patriótico e piedoso)

2.ª edição, muito melhorada

Contém: — Preliminares sobre Modo de bem viver; A nossa habitação; A agua; A nossa alimentação; O nosso vestuario; Preceitos diversos.

795 receitas, com as seguintes secções: Sopas e purés, 41; Legumes e hortaliças, 25; Carne diversas, 100; Croquetes e almondegas, 15; Peixes diversos (receitas de bacalhau, 35), 91; Molhos diversos, 28; Massas e entre meios, 19; Pastéis, tortas e empadas, 29; Ovos e omeletas, 27; Saladas diversas, 8; Doces de sobremesa, 203; Compotas e conservas, 54; Doces de chá, 155. — Total 795.

A' venda unicamente na Imprensa Academica, de Coimbra para onde devem ser feitas as requisições, acompanhadas da sua importancia, que é: — Em brochura, 600 rs. Pelo correio, 650. Em formosa cartanagem, 700. Idem 760 réis.

HISTORIA DA

REVOLUÇÃO PORTUGUEZA DE 1820

Illustrada com magnificos retratos dos grandes patriotas d'aquella epoca

ASSIGNATURA EXTRAORDINARIA

Os editores d'esta importante e patriótica edição nacional resolveram abrir uma assignatura extraordinaria, aos fasciculos semanales de 32 paginas, assim de facilitar a entrada d'este grande livro em todas as familias portuguezas. A **HISTORIA DA REVOLUÇÃO PORTUGUEZA DE 1820** tem de ser para todos os portuguezes uma verdadeira reliquia de familia, tem de ser guardada na biblioteca de cada lar como testemunho authentico do patriotismo e dos feitos herolicos dos nossos avós, que como leões luctaram pela santa causa da liberdade.

Condições da assignatura extraordinaria

Cada fasciculo de 32 paginas..... 60 réis
Cada vol. brochado.. 1.500 »
Obra completa (4 vol) 6.000 »

A assignatura por fasciculos pode ser mensal, quinzenal, ou semanal á vontade do assignante.

Assigna-se em todas as livrarias do reino, na casa dos Editores Lopes & C.ª, rua do Almada, 128, PORTO.

EM AVEIRO—Livraria Helle Guimarães.

DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA

DA ACREDITADA FABRICA

"PFAFF,"

Fundada em 1862 em KAISERSLAUTERN

São estas as melhores machinas de costura

- A machina «PFAFF» para costureiras.
- A machina «PFAFF» para alfaiates.
- A machina «PFAFF» para modistas.
- A machina «PFAFF» para sapateiros.
- A machina «PFAFF» para seleteiros.
- A machina «PFAFF» para corrieiros.
- A machina «PFAFF» para toda a classe de costura, desde a mais fina cambrala ao mais grosso cabedal.

A machina «PFAFF» é sem duvida a rainha de todas as machinas de costura

Ensino gratis. Garantia illimitada. A prestações e a dinheiro com grandes descontos. Para collegios e escolas de meninas, preços e condições especiaes. Vende-se agulhas, oleo, accessorios e peças soltas para toda a classe de costura. Conserta-se machinas de todos os systemas.

Peçam catalogos illustrados que se remittem gratuitamente. Pedidos a

José Maria Simões & Filho

ANADIA—SANGALHOS

ARMAZENS

DA

BEIRA-MAR

DE

MANUEL GONCALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

E. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui leváras tudo (ao sobejo Lus. Cam.)

VENDAS SO A DINHEIRO

Preços fixos

CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão. Camisaria, gravataria, livraria, papellaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapellaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornales de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicycletas **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharías, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flores artificiaes e cordas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importância.

ROLÃO PALMA

ESTA fariinha muito mais barata e superior do que qual quer outra para a engorda de porcos, gado vaccum, galinhas, etc. etc. vende-se unicamente no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

Praça do Peixe

AVEIRO

SEM DOGMA

Notabilissimo romance, em 2 volumes, de H. Sienkiewicz, autor do

QUO VADIS?

tradução de EDUARDO DE NORONHA

300 rs. cada volume 300

A' venda o 1.º volume, com uma capa a cores, na Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50—LISBOA.

SIGAMOL-O!

Sensacional romance de H. Sienkiewicz autor do **QUO VADIS?** seguido de mais dois soberbos contos do grande escriptor polaco.

Trad. de EDUARDO NORONHA. Um luxuoso volume, com uma lindissima capa a cores e ornado com magnificas illustrações.

Preço 500 réis

A' venda na Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e em todas as tabacarias e livrarias.

O FOGO

Notabilissimo romance de Gabriel de Annunzio, o mais brilhante dos escriptores italianos da actualidade, traduzido para portuguez por Amadeu Silva d'Albuquerque. É esta a obra mais sensacional do grande escriptor, pela belleza commovedora e assombrosa do seu entredo e pela sua forma artistica e impecavel.

DOIS ELEGANTES VOLUMES, COM ESPLENDIDAS CAPAS A CORES

Cada vol., 100

Pedidos á Companhia Nacional Editora, largo do Conde Barão, 50, Lisboa.

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

É mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas teem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79